

Expressões do sentimento

Como a experiência se torna perceptível e produz diferença no tempo

PREPRINT V1.8

Trecho selecionado: Abertura e seções conceituais iniciais.

O arquivo integral permanece restrito durante a avaliação editorial.

ficnd.org/avaliacao



ENSAIO FILOSÓFICO-METODOLÓGICO

Expressões do sentimento

Como a experiência se torna perceptível e produz diferença no tempo

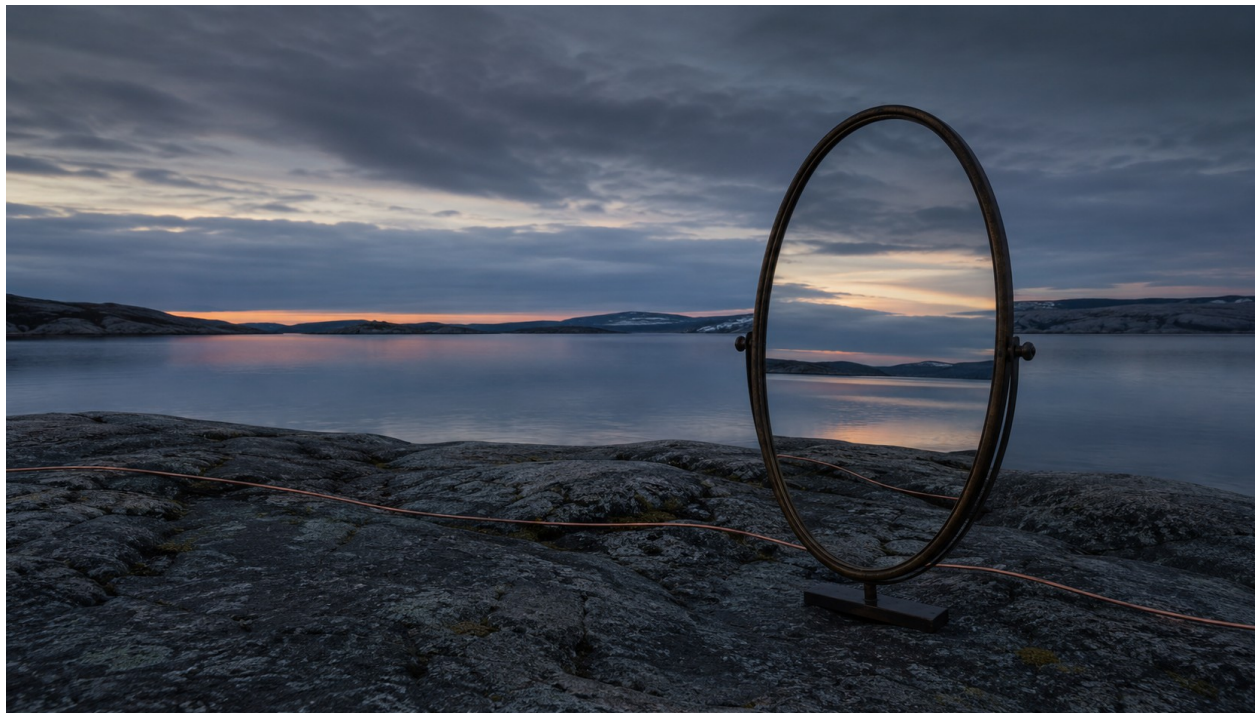


Figura 1 — Espelho e paisagem sob luz crepuscular. A imagem figura uma relação sem converter o reflexo em cópia.

Dilson Fetzner Lima

Programa Independente de Pesquisa da Continuidade Humana · Recife, Brasil

ORCID: 0009-0009-7869-179X

Ensaio filosófico-metodológico situado · preprint não submetido à revisão por pares

Versão 1.8 · agosto de 2026

Resumo

Neste artigo, investigo como o sentimento se torna perceptível sem ser reduzido a estado, escore ou significado fixo. Distingo sentimento, expressão e interpretação como funções analíticas relacionadas. As seis vias expressivas e o critério da diferença posterior são hipóteses de trabalho. Este critério exige contraste temporal, manifestação concreta, registro anterior independente da lembrança retrospectiva e possibilidade explícita de resultado negativo. Proponho anexos observacionais que não transformam o Atlas em nova escala. Retomo um relato anterior de O Chamado como documento de gênese. O êxito mínimo é preservar manifestações, suspender traduções automáticas e acompanhar diferenças no tempo. Dou prioridade à primeira pessoa na atribuição do sentido vivido, sem tratá-la como instância infalível. Integro relação e cultura às condições da expressão. O argumento se completa no acompanhamento temporal e não depende de correspondência fisiológica.

Palavras-chave: sentimento; expressão; corpo; hábito; fenomenologia; longitudinalidade; Atlas da Experiência Humana.

Abstract

In this article, I investigate how feeling becomes perceptible without being reduced to a state, score, or fixed meaning. I distinguish feeling, expression, and interpretation as related analytical functions. The six expressive routes and the later-difference criterion are working hypotheses. This criterion requires temporal contrast, a concrete manifestation, an earlier record independent of retrospective recall, and an explicit possibility of a negative result. I propose observational appendices that do not turn the Atlas into a new scale. I use a prior account from O Chamado as a document of genesis. Minimal success means preserving manifestations, suspending automatic translation, and following differences over time. I give first-person accounts priority in attributing lived meaning without treating them as infallible. I integrate relational and cultural conditions into expression. The argument is complete through temporal follow-up and does not depend on physiological correspondence.

Keywords: feeling; expression; body; habit; phenomenology; longitudinality; Atlas of Human Experience.

NOTA DE ESTATUTO — Este é um ensaio filosófico-metodológico situado. As seis vias e o critério da diferença posterior são hipóteses de trabalho; não constituem diagnóstico, escala ou novas dimensões do Atlas. Termos já existentes conservam suas definições internas. Esta nota protege o arquivo, mas não governa a leitura do argumento.

Legenda de estatuto: ● posição canônica · ◐ posição em amadurecimento · ○ hipótese ou procedimento de pesquisa.

PROPOSIÇÃO CENTRAL — Preservar a manifestação. Suspender a tradução automática. Acompanhar a diferença no tempo.

Nota de abertura — O espelho como figura documental

O espelho não funciona aqui como modelo do psiquismo, evidência ou novo construto. Ele figura uma condição documental: a expressão devolve algo da relação vivida sem repeti-la nem esgotá-la. Paisagem e reflexo permanecem comparáveis e distintos; é nesse intervalo que descrição e interpretação podem ser acompanhadas no tempo.

Não escrevo para explicar o que senti. Escrevo para não perder o que senti enquanto tento explicar.

1. A pergunta que precede o método

Pergunto, neste artigo, o que apareceu, por qual via, e que diferença isso passou — ou não — a produzir depois. A pergunta que o precede é outra, e é anterior a qualquer conceito: “O que está acontecendo comigo?” Ela me acompanhou enquanto a experiência ainda não cabia numa explicação estável, e escrevo este artigo para sustentá-la sem convertê-la cedo demais em diagnóstico, categoria ou resposta. O relato que a antecede encontra-se em *O Chamado*, obra autobiográfica e literária escrita antes deste artigo. Sua anterioridade documental mostra de onde a pergunta emergiu. Trata-se de testemunho literário retomado como ilustração de gênese, anterior ao protocolo e distinto de um estudo de caso.

ARCO DE LEITURA — O que está acontecendo comigo? · O que ainda permanece em mim? · Como posso me conduzir agora? Estas perguntas orientam a leitura; não são etapas, dimensões ou diagnóstico.

Na cena, eu colocava músicas conhecidas no carro e esperava ser alcançado por elas. A memória permanecia: eu reconhecia as canções, os lugares e aquilo que já haviam despertado. Mas “a experiência não chegava”. Eu trocava de faixa e continuava dirigindo, respondendo e organizando o dia. O funcionamento persistia enquanto uma via antes disponível deixava de produzir passagem.

O registro literário preserva uma diferença entre reconhecer e ser tocado. Ele documenta, em primeira pessoa, uma alteração na relação entre música, corpo, memória e presença. Acrescento uma disciplina de leitura: manter aberta a atribuição de sentido e perguntar que mudanças posteriores puderam ser registradas de forma independente.

A mesma ocorrência admite hipóteses concorrentes: indisponibilidade afetiva momentânea; alteração da relação autobiográfica com aquelas músicas; ou efeito corporal e contextual sem significado afetivo estável. O registro não escolhe antecipadamente a interpretação verdadeira. O acompanhamento posterior apenas mostra quais hipóteses ganharam, perderam ou não receberam sustentação.

O Chamado contém ainda outra ocorrência: o carro desligado diante do trabalho, as mãos no volante, o conhecimento intacto do que precisava ser feito e um intervalo entre saber e conseguir acompanhar o próprio saber. Essas cenas são expressões autorais situadas. A obra literária abre a pergunta; o artigo conceitual formula critérios; uma futura aplicação produz o teste empírico.

2. A expressão antes da explicação

Uma música começa e a respiração muda. Uma imagem retorna sem que tenha sido convocada. A mão hesita diante de um objeto conhecido; mais tarde, uma escolha até então improvável torna-se possível.

Nada disso, isoladamente, diz o que uma pessoa sente. Ainda assim, alguma coisa se expressou antes de poder ser explicada.

A experiência chega muitas vezes em ritmo, postura, aproximação, recuo, silêncio, insistência, metáfora, hábito ou decisão, antes de alcançar uma frase interior clara. O problema filosófico é compreender como essas manifestações podem participar do conhecimento preservando sua abertura de sentido.

O sentimento não é invisível; é parcialmente visível sob formas que não o esgotam.

Sustento que a expressão ocupa um intervalo decisivo entre o vivido e sua explicação. Ela torna a experiência perceptível, mas não transparente. Seu valor está menos em revelar um conteúdo escondido do que em preservar uma ocorrência para comparação: o que apareceu, por qual via, em que contexto e que diferença passou — ou não — a produzir depois.

Problema de demarcação	Contribuição proposta
A experiência subjetiva é tratada como invisível ou estritamente privada	Preserva manifestações perceptíveis — corporais, habituais, relacionais, simbólicas e práticas — sem tratá-las como traduções diretas do sentimento.
A interpretação pode tornar-se arbitrária e infalsificável	Exige interpretações concorrentes, contraste temporal, âncoras concretas e possibilidade explícita de resultado negativo.
A memória retrospectiva pode reescrever o passado	Exige registro anterior independente da lembrança atual e impede que a versão posterior monopolize o sentido do primeiro tempo.
Primeira pessoa e manifestações observáveis podem divergir	Dou prioridade à autodescrição para o sentido vivido e preservo corpo, hábito, relação e contexto como observáveis distintos. A divergência permanece informação, não autorização para corrigir a pessoa.
Expressões podem ser tratadas como fatos isolados do indivíduo	Registro também diante de quem, em qual contexto e sob quais repertórios culturais a expressão pôde aparecer, mudar de via ou permanecer contida.
A interpretação diagnóstica precoce coloniza a experiência	Legitima o “sentido ainda indeterminado”, documenta o que o acompanha e suspende a tradução automática até que o tempo permita comparação.

Quadro 1 — Problemas de demarcação e respostas propostas. Síntese analítica; não constitui matriz de validação ou instrumento diagnóstico.

3. Entre o relato e a manifestação

A investigação precisa reunir duas fontes de conhecimento. O relato explícito oferece o sentido formulado pela pessoa; as manifestações corporais e comportamentais preservam ocorrências que

podem anteceder a linguagem. O intervalo entre ambas impede tanto a exclusão do que ainda não foi nomeado quanto a leitura do marcador como acesso direto ao sentimento.

3.1 Quem vive tem prioridade

Concedo à primeira pessoa prioridade para dizer o sentido vivido: o que uma ocorrência é para quem a atravessa não pode ser substituído por um gesto observado, por uma hipótese clínica ou por um registro instrumental. Essa prioridade não transforma a autodescrição em explicação infalível. A pessoa pode hesitar, proteger-se, mudar de palavras ou ainda não saber o que aquilo significa.

Quando autodescrição, corpo, hábito, relação e contexto divergem, não uso uma via para corrigir automaticamente a outra. Preservo a divergência e acompanho o que ela passa — ou não — a produzir. A primeira pessoa tem prioridade de sentido; as demais vias acrescentam contraste, condições e história.

A divergência entre vias é informação. Não é licença para retirar da pessoa a autoria sobre o vivido.

Entre elas existe uma terceira via. Uma mudança respiratória pode ser registrada sem ser imediatamente chamada de medo. Um afastamento pode ser descrito sem ser convertido em rejeição.

Uma metáfora pode ser preservada sem ser tomada como diagnóstico. A descrição conserva a manifestação; a interpretação formula hipóteses; o acompanhamento temporal verifica se alguma delas ganha ou perde força.

Esse intervalo é metodologicamente produtivo. Ele permite acolher a primeira pessoa sem absolutizá-la e observar a terceira pessoa sem transformá-la em tribunal. O sentimento permanece vivido por alguém; a expressão torna-se compartilhável; a interpretação permanece corrigível.

4. Sentimento, expressão e interpretação

4.1 Sentimento

Uso aqui “sentimento” em sentido fenomenológico-descriptivo, não como termo técnico destinado a substituir ou alterar a definição canônica vigente. Nomeio a experiência subjetiva que emerge quando a realidade adquire significado na organização da experiência. Não proponho um conteúdo interior isolado: o sentimento aparece numa relação vivida, situada no corpo, na linguagem, na história e nas relações.

A expressão “tonalidade vivida de uma relação”, usada adiante, funciona como paráfrase fenomenológica para este recorte. O objeto específico são as manifestações pelas quais um sentimento já constituído, em constituição ou ainda indeterminado se torna parcialmente perceptível.

4.2 Expressão

Expressão é a inscrição perceptível dessa implicação. Pode ocorrer na fala, no corpo, nos hábitos, nas relações, nos símbolos ou nas práticas. Essas vias não são dimensões independentes nem canais mutuamente exclusivos. Uma mesma ocorrência pode atravessar várias delas: a pessoa diz que está

bem, evita um lugar, conserva uma fotografia e muda uma rotina. A expressão é uma configuração, não uma legenda.

4.3 Interpretação

Interpretação é a atribuição de sentido à expressão. Pode ser formulada pela própria pessoa, por alguém próximo ou por um pesquisador. Nenhuma dessas posições possui infalibilidade. A autodescrição pode mudar; o observador pode projetar categorias; o contexto cultural pode alterar o valor de um gesto. Em diálogo com Ricoeur, interpretar é sustentar uma leitura capaz de revisão diante de outros sentidos e de novos tempos da narrativa. Recorro a Ricoeur pela revisabilidade da interpretação, não pela primazia da configuração narrativa: preservo também aquilo que ainda resiste à narrativa ou a antecede praticamente. Por isso, toda interpretação deve conservar seu grau de incerteza e admitir alternativas concorrentes.

Descrever é dizer o que apareceu. Interpretar é propor o que isso pode significar. Confundir os dois é perder a experiência ou colonizá-la.

5. O sentimento existe antes da expressão?

Uma objeção construcionista precisa ser enfrentada: distinguir sentimento e expressão poderia sugerir uma interioridade pronta, anterior à linguagem e à vida social. A distinção aqui é analítica. Ela separa funções do conhecimento sem postular três substâncias ou uma ordem cronológica universal.

5.1 O que aparece antes das palavras

Quando digo que a experiência pode chegar em ritmo, postura, aproximação ou recusa antes de alcançar uma frase clara, afirmo apenas uma anterioridade fenomenológica: algo se torna sensível antes de ser explicitamente nomeado. Não afirmo que exista, atrás da expressão, um sentimento pronto e isolado esperando tradução.

Linguagem, cultura e relação podem diferenciar aquilo que se sente. O vivido e sua expressão ganham forma juntos, embora nem sempre no mesmo ritmo. Distingo-os para acompanhar esse intervalo, não para separar um interior puro de um exterior social.

Há experiências cuja tonalidade é percebida antes de receber um nome. Há outras que se tornam determinadas precisamente ao serem narradas, respondidas por alguém ou situadas num repertório cultural. A linguagem não apenas comunica o vivido; pode diferenciá-lo. As relações não apenas recebem uma expressão; participam de sua formação. Essa posição converge parcialmente com a crítica de Barrett às categorias emocionais fixas e universais, sem reduzir sentimento a linguagem nem adotar aqui uma teoria completa da construção da emoção.

Ainda assim, é útil distinguir o polo vivido, sua manifestação perceptível e os sentidos atribuídos, porque cada um admite erros e transformações diferentes.

A anterioridade do sentimento, portanto, pode ser fenomenológica: “Sentimento” nomeia o polo vivido de uma relação que ganha forma na expressão, na interpretação e na circulação social. A

expressão participa dessa formação e conserva algo que a interpretação não esgota. Os três termos coproduzem inteligibilidade e permanecem distinguíveis.

Distinguir não é separar: é impedir que aquilo que foi vivido, aquilo que apareceu e aquilo que foi interpretado sejam tratados como a mesma coisa.

6. Seis vias expressivas

Uso verbal, corporal, habitual, relacional, simbólica e prática como seis lentes descritivas provisórias de estatuto ○. Elas ampliam a atenção; não formam escala, checklist nem tipologia da pessoa. Uma via só entra no registro quando oferece informação que não repete o relato verbal — porque converge por outro meio, contrasta com ele ou aparece onde o verbal permanece ausente ou indeterminado.

6.1 Ninguém expressa sozinho

Não trato as seis vias como propriedades isoladas de um indivíduo. Toda expressão acontece diante de alguém, dentro de uma relação e sob condições materiais e culturais. Quem pode falar, em qual linguagem, com que risco e diante de qual resposta participa do modo como o sentimento aparece, muda de via ou permanece contido.

Na via relacional, registro quem é procurado ou evitado, quem pode testemunhar a experiência e como uma resposta modifica o que se torna dizível ou praticável. Silêncio, distância, cuidado e proximidade não possuem significado universal: dependem da história compartilhada e do repertório cultural em que ocorrem.

A via verbal inclui palavras, hesitações, mudanças de vocabulário, repetições e silêncios situados. O silêncio, porém, não equivale automaticamente à ausência de sentimento. Pode indicar reserva, conflito, proteção, falta de palavras ou simples desinteresse.

A via corporal inclui respiração, postura, tônus, ritmo, orientação do olhar, aproximação e afastamento. Esses traços são acontecimentos corporais, não traduções universais. O mesmo tremor pode participar de medo, frio, esforço, expectativa ou condição fisiológica.

A via habitual aparece no que o corpo reaprende ou deixa de fazer: os dedos reencontram um acorde, os pés retomam um caminho, uma rotina antes impossível volta a caber no dia. O hábito carrega passado sem precisar narrá-lo integralmente.

A via relacional se mostra em quem é procurado, evitado, cuidado ou autorizado a aproximar-se. A via simbólica inclui imagens, objetos, músicas, lugares e metáforas que condensam uma relação com o vivido. A via prática aparece quando a experiência altera uma escolha, um compromisso, uma recusa ou uma forma de cuidado.

A classificação serve para ampliar a atenção, não para dividir a pessoa. Uma expressão pode mudar de via: primeiro corporal, depois simbólica, por fim prática. Pode também desaparecer sem ter sido resolvida. O acompanhamento deve conservar essas transições em vez de forçá-las a uma narrativa linear.